

## ANÁLISE NARRATIVA DAS TRAJETÓRIAS DE LIDERANÇAS FEMININAS NO RUGBY BRASILEIRO

**CIANA ALVES GOICOCHEA<sup>1</sup>; CAMILA BORGES MÜLLER<sup>2</sup>; ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – cianagoicochea@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – camilaborges1210@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – eraldo.pinheiro@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Investigar a presença de mulheres no esporte é fundamental para compreender como as relações de gênero atravessam práticas corporais, oportunidades profissionais e dinâmicas de poder. Embora a participação feminina tenha crescido ao longo do tempo, os estudos demonstram que o acesso a cargos de decisão e liderança continua limitado, revelando desigualdades persistentes que se reproduzem nos espaços de treinamento e gestão esportiva (GOELLNER, 2005; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2009).

No contexto brasileiro, a literatura evidencia que, mesmo em modalidades em que a presença feminina já conquistou visibilidade, como vôlei e atletismo, os postos de gestão, arbitragem e comando técnico permanecem majoritariamente ocupados por homens. Tal disparidade expressa não apenas uma questão numérica, mas uma lógica estrutural de exclusão, sustentada por estereótipos de gênero, precarização de condições de trabalho e ausência de políticas públicas efetivas (SIQUEIRA; SALDANHA; SANTANA, 2025).

O rugby, historicamente associado a estereótipos de força e masculinidade, torna ainda mais evidente essa assimetria. Contudo, nos últimos anos, a modalidade tem se configurado como espaço de resistência e inovação, onde mulheres assumem papéis técnicos, de suporte e gestão, desafiando fronteiras simbólicas e culturais. Nesse movimento, as trajetórias dessas profissionais não apenas ampliam a participação feminina, mas também produzem novas formas de liderança, ancoradas em redes de apoio e processos coletivos (RUBIO; VELOSO, 2019).

Apesar dos avanços, a produção científica sobre as mulheres em funções de liderança e suporte no rugby brasileiro ainda é incipiente. Compreender suas experiências é essencial para iluminar como elas enfrentam resistências, constroem reinvenções e acumulam conquistas que projetam futuros mais inclusivos. Assim, este estudo tem como objetivo analisar narrativas de mulheres que atuam em funções técnicas e multidisciplinares no rugby, buscando compreender de que forma suas trajetórias desafiam as estruturas de gênero e contribuem para ampliar a equidade no esporte.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamenta-se nos pressupostos da análise narrativa, buscando compreender como mulheres que atuam no rugby constroem e ressignificam suas trajetórias profissionais. O campo empírico foi o *Camp NINA 2025*, evento que reuniu exclusivamente profissionais mulheres em

diferentes áreas de atuação na modalidade, como treinamento, preparação física, fisioterapia, nutrição, psicologia, arbitragem e gestão.

A coleta de dados ocorreu em uma única etapa, por meio da aplicação de um questionário online semiestruturado. O instrumento contemplou questões voltadas às trajetórias das participantes, desafios enfrentados, conquistas alcançadas, perspectivas sobre o futuro da presença feminina no rugby e os atravessamentos sociais que incidem em suas experiências, como gênero, e preconceito. Todas as participantes aceitaram voluntariamente contribuir com a pesquisa, mediante esclarecimento prévio sobre seus objetivos e procedimentos, seguido da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para assegurar a confidencialidade, as identidades foram preservadas e os relatos apresentados de forma codificada (Entrevistada 1 – E1, Entrevistada 2 – E2, e assim sucessivamente).

A análise dos dados foi conduzida por meio da análise temática reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2006), em diálogo com a análise de conteúdo temática em Ciências Sociais (MINAYO, 2007). O processo envolveu a leitura integral das respostas, a codificação inicial das falas e sua organização em categorias *a priori*, *resistências*, reinvenções, conquistas e projeções de futuro em categorias emergentes preconceito, sexualidade e redes de apoio. A partir disso, foi realizada uma interpretação articulada com a literatura sobre gênero, esporte e liderança feminina, resultando em uma síntese que evidencia tanto as singularidades individuais quanto as dimensões coletivas das trajetórias analisadas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizeram parte deste estudo cinco mulheres, com faixa etária entre 25 e 39 anos, atuantes em diferentes áreas do rugby brasileiro. A amostra incluiu uma fisioterapeuta da Seleção Brasileira de Rugby (MG), uma coordenadora técnica e treinadora de categorias de base da equipe nacional (SP), uma gestora de clube e coordenadora de projetos (MG), uma árbitra e ex-atleta olímpica (SC) e uma treinadora e preparadora física (RJ).

Krahenbühl e Alencar (2023), através de uma revisão da literatura de diversos estudos apresentando um panorama geral sobre mulheres líderes esportivas, concluíram a ocupação predominantemente masculina no cenário esportivo e um número absoluto e percentual muito baixo de mulheres em funções de liderança. Dentre as causas e consequências, essas autoras consideram a apropriação majoritária de homens nesses espaços, falta de oportunidade de inserção, dificuldade de relacionar família e trabalho, insatisfação com a remuneração e, consequentemente, dupla de jornada de trabalho, necessidade de maior qualificação e de provação da capacidade para os cargos e o preconceito e a divisão sexual entre os papéis de gênero.

Essa problemática também vai ao encontro de algumas das narrativas observadas neste estudo, na dimensão do rugby. As narrativas analisadas evidenciam um conjunto de resistências comuns enfrentadas por mulheres que atuam no rugby brasileiro. Entre elas, destacam-se barreiras financeiras para investir em formação, a constante necessidade de legitimação em ambientes masculinos e a desigualdade de reconhecimento econômico em comparação aos homens. Como relatou uma participante: “guardei todo dinheiro que ganhava em 3 anos para conseguir ir para SP estudar, quando estava quase conseguindo veio a pandemia e me impossibilitou” (E1). Outra reforçou: “ganhei o mesmo dinheiro

*para apitar um único jogo da Copa do Brasil masculina que ganhei pra apitar cinco jogos da Copa do Brasil feminina*". Essas dificuldades não se limitam ao campo esportivo, mas refletem dimensões sociais mais amplas, relacionadas à divisão tradicional de papéis de gênero e à permanência de uma cultura patriarcal que ainda impõe barreiras à plena aceitação da mulher como protagonista no esporte (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

Apesar das adversidades, emergem processos de reinvenção que sustentam a permanência das entrevistadas no rugby. A busca por mentorias e capacitações aparece como central, como descreveu uma delas: "até que surgiu o Projeto NINA e a mentoria que tive [...] as coisas foram melhorando" (E5). Outras investiram na diversificação de funções: "conhecendo pessoas e criando oportunidades, consegui direcionar melhor o caminho que gostaria de seguir" (E3).

Quanto às conquistas relatadas, vão desde resultados esportivos relevantes até avanços simbólicos. Uma treinadora destacou: "ver no campo de treino a mesma quantidade de meninas e meninos treinando em suas próprias categorias [...] e as conquistas dos pódios nas competições estaduais e nacionais como treinadora dos grupos juvenis feminina" (E2). Outra participante sintetizou sua realização profissional: "aquele sonho que começou em 2013 foi realizado" (E1). Já E4 ressaltou o auge da carreira esportiva: "joguei as Olimpíadas do Rio. Foi um sonho de criança realizado". Essas conquistas vão além da esfera individual, funcionando como marcos coletivos que legitimam e ampliam a participação das mulheres no esporte (KNIJNIK, 2014).

Outro aspecto central é a presença de sentimentos ambíguos em relação ao trabalho no rugby. As entrevistadas reconheceram situações de preconceito, silenciamento ou hostilidade, mas também expressaram forte vínculo afetivo e satisfação. Como afirmou E1, "está sendo um período de muito aprendizado". E3, apesar da resistência inicial de familiares, ressaltou a importância do reconhecimento obtido em cargos de gestão. Esse paradoxo ecoa Hindman e Walker (2020) e MacIntosh e Doherty (2010), ao mostrarem que, mesmo diante do sexismo, mulheres permanecem em seus cargos porque atribuem valor e prazer à experiência profissional.

No horizonte das projeções de futuro, prevalece um otimismo cauteloso. Para E2, "ter meninas nos treinos diários do clube, engajadas e motivadas para aprender rugby" já é uma realidade em expansão. Outra entrevistada complementou: "acredito que com políticas públicas e projetos sociais [...] teremos espaço para apresentar trabalho e competência" (E3). Para E4, no entanto, o avanço será lento, ainda que promissor: "iremos criar um ambiente menos hostil para as mulheres/meninas que se envolvem com o rugby".

Em síntese, as trajetórias analisadas são atravessadas pela tensão entre resistências e conquistas, mas também permeadas por sentimentos de afeto e pertencimento. Ao articular singularidades e regularidades, fica claro que as experiências narradas não se restringem ao plano individual: funcionam como instrumentos coletivos de enfrentamento e ressignificação, capazes de desafiar estruturas de gênero ainda hegemônicas no esporte brasileiro.

#### 4. CONCLUSÕES

As narrativas analisadas mostram que a presença das mulheres no rugby brasileiro é marcada por resistências estruturais, mas também por estratégias de reinvenção e conquistas que ampliam sua legitimidade no esporte. Suas

trajetórias evidenciam que a permanência feminina depende tanto de esforços individuais quanto do fortalecimento de redes de apoio e de iniciativas institucionais.

Nesse processo, as experiências relatadas não se limitam ao plano pessoal, mas configuram movimentos coletivos que desafiam desigualdades e contribuem para a transformação das estruturas de gênero no esporte. Considerando isso, faz-se essencial a busca por explorar a construção de trajetórias de mulheres no rugby, no sentido de contribuir com a literatura acerca das temáticas relacionadas ao desenvolvimento profissional no âmbito esportivo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.
- HINDMAN, L.C.; WALKER, N.A. Sexism in professional sports: how women managers experience and survive sport organization culture. **Journal of Sport Management**, v. 34, n. 1, p. 64-76, 2020.
- KNIJNIK, J. Gendered barriers to Brazilian female football: 20th century legacies. In: HARGREAVES, J.; ANDERSON, J. (Org). **Handbook of sport, gender and sexuality**. New York: Routledge, 2014. p. 120-128.
- KRAHENBÜHL, T.; ALENCAR, A. L. Mulheres nos cargos de liderança no esporte: uma revisão de literatura. **Revista Pensar a Prática**, v. 26, p. e75925, 2023.
- MACINTOSH, E.W.; DOHERTY, A. The influence of Organizational Culture on Job Satisfaction and Intention to Leave. **Sport Management Review**, v. 13, p. 106-117, 2010.
- MINAYO, M.C.S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.
- OLIVEIRA, G.A.S.; TEIXEIRA, A.P.O. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Gênero**, v. 10, n. 1, p. 101-118, 2009.
- PFISTER, G.; RADTKE, S. Mulheres tomando a liderança ou mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 91-129, 2007.
- RUBIO, K.; VELOSO, R.C. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de confronto e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019.
- SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física**, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.
- SIQUEIRA, A.F. de; SALDANHA, P. da S.; SANTANA, M.E.S. Mulheres no mercado de trabalho. **Periódicos Brasil. Pesquisa Científica**, v. 4, n. 1, p. 2689-2702, 2025.